

APARÊNCIA E ESSÊNCIA: DA ALIENAÇÃO AO FETICHE

... e toda ciência seria supérflua, se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente.

*Lais Leni Oliveira Lima**

RESUMO: Um suposto fundamental à proposta do método em Marx é a compreensão de que as coisas constituem-se de contradições e forças contrárias, constantes movimentos e transformações, relações e inter-relações com diferentes fenômenos na construção da totalidade, e essa compreensão não é tarefa fácil de ser entendida. Nesse texto procurarei compreender a diferença entre a manifestação das coisas tal como aparecem e sua constituição na realidade, isto é, a diferença existente entre aparência e essência e compreender também a des(naturalização) da realidade, como Marx afirma “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstância de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (1978, p.17). Ao construir um sistema explicativo da história e da sociedade, Marx estabelece bases metodológicas e princípios epistemológicos para orientar seu método, nesse sentido, é preciso um pensamento que se proponha operar como esclarecimento da realidade, visto que a verdade como está constituída não é transparente. A realidade tal qual se apresenta em sua aparência não descortina e não apreende suas dimensões, pois a forma como ela se produz não é transparente. Como afirma Ianni (1985), é na análise de Marx que o capitalismo se torna transparente, desde as figurações da mercadoria às relações entre as pessoas, desde os encadeamentos entre a sociedade e o Estado às contradições de classes. Este trabalho tem como objetivo compreender a essência e a aparência da realidade. Analisa-se, também, a diferenciação entre ciência e ideologia para a compreensão do método em Marx. Em seguida, demonstram-se as diferentes formas da alienação velar a realidade.

Palavras-chave: Aparência, essência e totalidade.

ABSTRACT: A fundamental assumption to the method proposal in Marx is the comprehension that the things constitute of contradictions and opposite forces, constant movements and changes, relations and inter-relations with different phenomena in the construction of totality, and this comprehension is not an easy task to understand. In this text the difference between the manifestation of things the way they appear and their constitution in reality is tried to be understood. That is, the existing difference between appearance and essence. In such sense, it is sought to comprehend the (de)naturalization

* Doutoranda do Programa de Doutorado em Educação pela FE/UFG – Docente do Curso de Pedagogia do CAJ-UFG nas Disciplinas de Estágio em Educação Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental I, II, III e IV; Coordenadora do Grupo Estudos e Pesquisas “Retratos da infância em Jataí: desafios históricos”. laislени@yahoo.com.br

of reality, as Marx claims, “Men make their own history. But they do not make it just as they please; they do not make under circumstances chosen by themselves, but under given circumstances directly encountered and inherited from the past” (1978, p.17). When constructing an explainable system of history and society, Marx establishes methodological bases and epistemological principles to orient his method. In this sense, it is necessary some thoughts that aim at operating a clarification of reality, since the truth as it is constituted is not transparent. The reality as it is presented in its appearance does not reveal and does not apprehend its dimensions, for the form as it produces itself is not transparent. As Ianni (1985) claims, it is analyzing Marx that capitalism becomes transparent, from the goods figurations to the relations among people, from the chaining between society and the State to the class contradictions. This study aims at understanding the essence and the appearance of reality. Also, it is analyzed the differentiation between science and ideology in order to comprehend Marx’s method. Later, it is demonstrated the different forms in which alienation conceals reality.

Key - words: Appearance, Essence, totality

INTRODUÇÃO

Por não ser tarefa fácil discorrer sobre as categorias dialéticas em Marx – essência e aparência, faz-se necessário conhecer seus significados para uma melhor compreensão das reflexões. No dicionário de Filosofia (1997, p. 358), o termo essência é traduzido por aquilo que responde a pergunta: o quê? O que constitui a natureza de um ser, de uma coisa. É a revelação daquilo que não se dá a conhecer de imediato. O termo aparência (1997, p. 68) tem dois significados diametralmente opostos. O primeiro é ocultação da realidade, que parece real, vela ou obscurece a realidade das coisas, de tal modo que essa só pode ser reconhecida quando se transpõe a aparência e se prescinde dela. Conhecer significa libertar das aparências, do engano, da ilusão; e o segundo é a manifestação ou revelação da realidade, de tal modo que esta se encontra na aparência a sua verdade, a sua revelação. Aqui, conhecer significa confiar na aparência. Este estudo propõe trabalhar com o primeiro significado.

Palavras – Chaves: aparência, essência totalidade

CIÊNCIA E IDEOLOGIA: AS CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DO MÉTODO EM MARX

O termo método origina do grego, *methodo*, com dois significados fundamentais, um deles significa pesquisa ou orientação de pesquisa (1997, p. 668), em

outro dicionário da Língua Portuguesa (2003, p. 655), é algo composto de meta: através de, por meio de, e de *hodos*: via, caminho. Compreender o método proposto por Marx é compreender por meio de uma forma científica a realidade que está posta bem como o seu comprometimento com a história. Ao perceber que os fatos e a realidade não podem se fundar ao mundo das idéias, mas eram geradas pelo movimento real das coisas, Marx propõe categorias explicativas com um compromisso de revelar a história. Dessa forma, se as categorias são históricas, o método tem que passar pela história também. O fato de não vivermos em uma sociedade transparente e a forma como a realidade se produz na particularidade histórica do modo de produção capitalista ser opaca, porque esconde sua própria forma de se constituir, faz-se necessário um método que elucide os processos sociais que estão velados sob essa forma de produção da sociedade; mesmo que a realidade apareça como real, ela é falsa em sua aparência. Assim sendo, Marx propõe uma apreensão científica dessa realidade como condição de superação do modelo de ciência positivista e idealista.

São poucas as passagens em que Marx se ocupa em descrever o método, e quando faz, é de maneira sucinta. Encontramos definições por meio das produções dos seus críticos:

Para Marx, só importa uma coisa: descobrir a lei dos fenômenos de cuja investigação ela se ocupa. É para ele importante não só a lei que os rege, à medida que eles têm forma definida e estão numa relação que pode ser observada em determinado período e tempo. Para ele, o mais importante é a lei de sua modificação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relação para outra. Uma vez descoberta essa lei, ele examina detalhadamente as conseqüências por meio das quais ela se manifesta na vida social (...) Por isso, Marx só se preocupa com uma coisa: provar mediante escrupulosa pesquisa científica, a necessidade de determinados ordenamentos das relações sociais e, tanto quanto possível, constatar de modo irrepreensível os fatos que lhes servem de ponto de partida e de apoio (1983, p. 19).

Após a citação de seu crítico, Marx afirma:

Ao descrever de modo tão acertado e, tanto quanto entra em consideração a minha aplicação pessoal do mesmo, de modo tão benévolo aquilo que o autor chama de “meu verdadeiro método”, o que descreveu ele senão o método dialético? (1983, p. 20)

Aqui se explicita que o método em Marx exige a compreensão da realidade e esta não se manifesta de maneira transparente, é preciso operar de uma determinada forma para de fato apreender a verdade sobre o objeto, dessa forma, é

necessário um certo esforço para, partindo dos fatos empíricos que são as aparências dadas pela realidade, superá-las para chegar à essência. O ponto de chegada não mais será as representações do empírico ponto de partida mas, do concreto pensado, como afirma Marx: “O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso”. (1978, p. 116)

Marx entende que o pensamento ideologizado não é um pensamento equivocado, mas aquele que apanha os elementos da realidade tal qual ela se encontra, não apreendendo seus nexos constitutivos¹, assim sendo, acaba naturalizado aquilo que é histórico e social. O objetivo fundamental de Marx é mostrar que não é no plano das idéias que as coisas são produzidas, na verdade são questões materiais que produzem essa realidade. Isso significa que a consciência é produzida pela materialidade e não o contrário. Esta inversão é para evidenciar que as idéias são produzidas pela realidade histórica.

Marx polemiza com a dialética hegeliana, o materialismo freubachiano, o socialismo utópico e a economia política clássica. Ao estudar os elementos do pensamento europeu, desenvolveu temas interessantes que dizem respeito à sociedade burguesa capitalista. O pensamento de Marx é um pensamento comprometido com a realidade, especialmente a que envolve a classe trabalhadora e as condições em que ela tem que viver no sistema capitalista – processo de exclusão, distribuição dos bens produzidos... – a qual se encontra em constante movimento, um dever ser, em que reconhece o todo² essencial da realidade estudada.

Marx faz várias análises críticas, porém uma que nos parece muito representativa é a crítica que ele faz à dialética de Hegel, quando ele diz: “...meu método dialético não só difere do hegeliano, mas também é sua antítese direta” (1983, p. 20).

Segundo Ianni (1985), Marx pôde, através desse trabalho crítico, entrar em contato com problemas sociais, questões filosóficas e de método. Seus estudos sobre o trabalho alienado no capitalismo estão relacionados com esse convívio intelectual com a dialética hegeliana. A preocupação de Hegel e de seus discípulos era com problemas históricos, embora as soluções dadas por eles, fossem julgadas por Marx como

¹ Compreendido aqui como elementos que permitem entender a essência do objeto.

² No método em Marx o objeto é entendido em sua totalidade, para isso é preciso dar conta de sua particularidade, o todo não é o tudo.

preliminares, incompletas ou equivocadas. Entretanto, o mais importante e revolucionário do pensamento hegeliano é a descoberta da dialética marxista:

A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede, de modo algum, que ele tenha sido o primeiro a expor as suas formas gerais de movimento, de maneira consciente. É necessário invertê-la, para descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico (1983, p. 20 - 21).

Então, para demonstrar como a inversão da dialética hegeliana se dá, Marx faz no estudo sobre economia política uma contraposição, estabelecendo, de maneira clara, a idéia do que seja ideologia como também do que seja ciência, definindo qual a posição desta e daquela. Assim sendo, analisou a categoria trabalho para chegar à mercadoria e desvelá-la do invólucro místico que até os escritos de A. Smith e Ricardo era aceita.

O reflexo religioso é uma das falhas básicas da economia política clássica não ter jamais conseguido descobrir a partir da análise da mercadoria e mais especialmente, do valor das mercadorias, a forma valor, que justamente o torna valor de troca. Precisamente, seus melhores representantes, como A. Smith e Ricardo, tratam a forma valor como algo totalmente indiferente ou como algo externo à própria natureza da mercadoria. A razão não é apenas que a análise de grandeza de valor absorve totalmente sua atenção. É mais profunda. A forma valor do produto do trabalho é a forma mais abstrata, contudo também a forma mais geral do modo burguês de produção, que por meio disso se caracteriza como uma espécie particular de produção social e, com isso, ao mesmo tempo historicamente. Se, no entanto, for vista de maneira errônea eterna de produção social, deixa-se também necessariamente de ver o específico da forma, portanto, da forma mercadoria, de modo mais desenvolvido da forma dinheiro, da forma capital etc (1983, p. 76).

Segundo Marx, a questão fundamental abordada é que a realidade é uma forma histórica que tem relação com seu desenvolvimento histórico e a questão da análise econômica – se desprovida dessa compreensão – não permite perceber o que está posto na realidade. Continua Marx:

Que concordam inteiramente com a medida da grandeza de valor por meio do tempo de trabalho, os mais contraditórios e confusos conceitos de dinheiro, isto é, da figura terminada do equivalente geral. Isso se apresenta de forma mais cabal, por exemplo, o tratamento do sistema bancário, no qual já não bastam definições banais de dinheiro (1983, p. 76).

No bojo desse processo, Marx (1991), afirma que a economia clássica é aquela que interliga os nexos internos das condições burguesas, ou seja, é considerada por ele também como economia vulgar que se move dentro de um nexo aparente.

Aquela não busca construção histórica e as mediações dos fatos, ao contrário, naturaliza os processos econômicos que são históricos. Isso se dá porque o objeto é visto em sua aparência, não sendo capaz de diferenciar os seus elementos constitutivos e distinguir a ciência de ideologia. Marx empreende uma análise dessa economia vulgar carregada de uma visão religiosa de mundo e a eleva a uma análise científica. Ao fazê-lo ele destitui a religiosidade como elemento interposto entre a realidade e a explicação dela.

Entendo como Economia Política clássica toda economia desde que investiga o nexo interno das condições de produção burguesa como antítese da economia vulgar, que apenas se move dentro do nexo aparente, rumina constantemente de novo o material já há muito tempo fornecido pela economia científica oferecendo um entendimento plausível dos fenômenos, por assim dizer, mais grosseiros e para o uso caseiro, da burguesia, e limita-se de resto a sistematizar e proclamar como verdades eternas as idéias banais e presunçosas que os agentes da produção burguesa formam sobre seu mundo, para eles, o melhor possível (1983, p. 76).

Compreendendo a economia política dessa forma, no prefácio da segunda edição de O Capital, Marx descreve que:

Desde 1848 a produção capitalista tem crescido rapidamente na Alemanha, e já ostenta hoje os seus frutos enganadores. Mas, para nossos especialistas, o destino continuou adverso. Enquanto podiam tratar da Economia Política de modo descomprometido, faltavam as relações econômicas modernas à realidade alemã. Assim que essas relações vieram à luz, isso ocorreu sob circunstâncias que não mais permitiam o seu estudo descompromissado na perspectiva burguesa. À medida que é burguesa, ou seja, ao invés de compreender a ordem capitalista como um estágio historicamente transitório de evolução, a encara como a confirmação última e absoluta da produção social, a Economia Política só pode permanecer como ciência enquanto a luta de classes permanecer latente ou só se manifestar em episódios isolados (1983, p. 16).

Essa concepção clássica da economia política deixa de ser uma explicitação da realidade, não revelando-a, mas velando-a, escondendo e legitimando o que está posto. Evidentemente esse processo que naturaliza e mantém os fatos, interessa somente a burguesia. É indispensável uma ciência que tem a ver com a explicação dos nexos constitutivos dessa realidade que não é transparente, isto é, um pensamento científico que apreenda esses nexos revelando-os. Isso só pode acontecer com um pensamento que vai além da forma imediata da realidade e apreenda aquilo que essencialmente a realidade é.

Nessa perspectiva, paulatinamente Marx discorre sobre a reflexão científica quando compara a economia clássica com a vulgar. Enquanto a Economia Política

apanha os nexos constitutivos da realidade, as outras, esconde esses nexos. Dessa forma, o primeiro compromisso da ciência é com o revelar e apreender esses nexos, e isso é estabelecido ao perceber que a realidade não apresenta esses nexos na sua imediaticidade, como afirma Marx:

O reflexo religioso somente pode desaparecer quando as circunstâncias cotidianas, da vida prática, representarem para os homens relações transparentes e racionais entre si e com a natureza. A figura do processo social da vida, isto é, do processo da produção material, apenas se desprenderá o seu místico véu nebuloso quando, como o produto de homens livremente socializado, ela ficar sobre seu controle consciente e planejado. Para tanto, porém, se requer uma base material da sociedade ou uma série de condições materiais de existência, que por sua vez, são o produto natural de uma evolução histórica longa e penosa (1983, p. 76).

Marx afirma que esse véu místico e nebuloso, essa opacidade que encobre a realidade só pode ser descoberto pela reflexão científica. Essa forma aparente e velada da realidade não mostra de fato o que ela é. O compromisso, em primeiro lugar é buscar a compreensão da produção dessa realidade, é buscar compreender do que a realidade se constitui e conseqüentemente compreender sua própria opacidade. É nesse ponto que ao empregar os nexos constitutivos permite chegar. Os nexos constitutivos requerem que se parta do pressuposto que a realidade é opaca, da compreensão do que seja sua forma imediata de expressar, para, ao fazer esse desvendamento, superar a ilusão. Esse processo exige um compromisso e uma postura epistemológica.

Ao considerar a ciência numa perspectiva epistemológica, deve-se buscar encontrar a historicidade dos fatos que na sociedade capitalista são escondidos e tirar o véu da sua naturalização, visto que o elemento de afirmação da verdade é a história, e o que é real, não pode ser confundido em sua aparência. O pensamento científico deve se colocar em contraponto com crenças ideológicas que tornam essa realidade aparential e da forma como ela se manifesta e assim analisar o objeto em seu movimento, em sua construção histórica, em suas contradições e ao fazê-lo não se deve deixar escapar que qualquer objeto por ser fruto da construção humana está subordinado às determinações de tempo, espaço, interesses de classes entre outros. De imediato, esses elementos não aparecem, por isso, é essencial a preocupação com a reconstituição dos nexos históricos, isto é, com a história das formas de objetivação que se constitui no sujeito e no objeto. Ao ler as teorias dos economistas clássicos, Marx critica a maneira como eles tratam o tema, como se a sociedade fosse desprovida e independente da história. Ele fala sobre essa questão de forma resumida e com muita propriedade:

Existem determinações comuns a todos os graus de produção, apreendidas pelo pensamento como gerais; mas as chamadas condições gerais de toda produção não são outra coisa senão esses fatores abstratos, os quais não explicam nenhum grau histórico efetivo da produção (1972, p. 107).

Ter atitude científica, nessa perspectiva, é desconfiar das “verdades” que estão postas na realidade, da imediatividade das coisas e das aparências. É uma atitude que tem compromisso com o esclarecimento daquilo que está oculto e que não se manifesta. Nesse sentido, o pensamento científico se põe contra a afirmatividade dessa realidade, ele tem que ser a própria negação da realidade tal qual ela se apresenta, e deve se constituir dessa negação para firmar-se pelo oposto e pela essência do fenômeno. A primeira expressão do objeto é sem mediação e abstrata, não revela sua constituição. Assim, é possível captar algumas mediações, entretanto, são ainda superficiais, só as apreensões dos nexos que constituem essa realidade é que nos leva a essencialidade desse objeto. Esse movimento de desopacização da realidade é um instrumento que não tem fim porque à medida que se revela, esta realidade se produz de maneira opaca novamente. A opacidade se põe e repõe, produz e reproduz, cria e recria reiteradamente a realidade. O pensamento está o tempo todo se refazendo. Mediante isso, o pensamento deve se ater sob todas as formas e todas as expressões objetivas e subjetivas dessa sociedade que opera de maneira opaca, reificada³, alienada e fetichizada. Essa reflexão científica tem que ser permanente. A grande dificuldade é que ao mesmo a reflexão científica pode se fetichizar e se transformar em ideologia, pode tornar aquilo que num determinado momento é revolucionário, em reacionário em outro, aquilo que se contrapõe, que propõe produzir novas formas de sociedade, em ideologia. E o que é fruto de relações históricas, pode novamente se apresentar como relações naturais, eternas e imutáveis.

É característico do processo ideológico afirmar as constituições da realidade como ela se apresenta, vendo-a como um processo natural, não porque instaura uma idéia, mas porque o pensamento ideológico esconde a realidade material que ele produz. Nesse sentido, é preciso entender que não é no nível das idéias que isso se dá, mas no obscurecimento das relações materiais. Na medida em que o pensamento ideológico capta a realidade pela sua representação, pela sua imediatividade, ele perpetua e dá

³ É o ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades...significa a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas É um caso especial do desenvolvimento lógico e histórico do fetichismo e da alienação.

continuidade a essa “compreensão”. É assim que as divisões sociais e políticas são vistas, como um processo natural, por exemplo. Embora a realidade seja percebida como injusta, é tida como normal, natural. A ideologia (re)afirma esses modos de entender a realidade, leva os proletários a se comportarem nela, oculta as contradições da vida social, naturaliza as diferenças, mantém e afirma a realidade hegemônica. Esse modelo de “ciência” e forma de pensamento que vela, naturaliza, confirma e afirma essa realidade na sua aparência e em sua imediaticidade, não poderiam ser chamados de pensamento científico, e sim, de pensamento ideológico, visto que a ideologia não capta a essência, mas a aparência. Ela não apreende a historicidade e os nexos constitutivos dos objetos, ao contrário é seu objetivo principal, escondê-los.

A ciência pode compreender a ideologia enquanto objeto concreto? Para Marx, se questionarmos de onde o indivíduo tira o equívoco da realidade e de onde vem o engano, veríamos que não é o sujeito que se engana, mas é a realidade que está invertida. A ideologia tem a ver com o véu místico que encobre a realidade. A forma da aparência é ilusória. Há uma inversão na realidade e a ideologia é constituída na realidade. A par dessas expressões a ideologia não é mais concebida como algo que está na cabeça. Compreender dessa forma a ideologia, é entender que ela é constitutiva do real, assim sendo ela pode (re)dimensionar esse real. Nesse sentido o real não é o real imediato que não se expressa em suas mediações. Portanto, o pensamento científico se contrapõe à ideologia enquanto linguagem do imediato. A ciência enfrenta a realidade e se põe evidentemente contra o pensamento ideológico e alienado.

ALIENAÇÃO: VELAMENTO DA REALIDADE

Ao burguês nada se ajusta melhor que o puro e plácido sentimento do limite que lhe está traçado. Não cabe perguntar: Que és tu? Que juízo, que conhecimento, que aptidão, que fortuna?
Goethe

O termo alienação⁴ aparece e se funda nas mais diferentes formas do pensar e com significados diferentes nos mais diversos momentos históricos. Entretanto só se constituirá como um conceito filosófico com maior significado ao longo do processo

⁴ Alienação é um conceito utilizado por Marx para explicar as relações dos homens entre si e dos homens com seu produto de trabalho – uma relação de “estranhamento”

histórico, o qual tem seu amadurecimento com o surgimento da sociedade capitalista, bem como, sua generalização com a forma específica da mercadoria.

Mesmo que esse termo não tenha ficado explícito nas primeiras produções de Marx, percebe-se seu aparecimento de forma implícita em várias análises da sociedade capitalista ao fazer crítica ao modo de produção vigente na Alemanha, afirmando que:

A burguesia - isto é, o capital - se desenvolve, desenvolve também o proletariado, a classe dos operários modernos, que só vivem enquanto têm trabalho e só têm trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital. Estes operários, que tem de vender-se no varejo, são uma mercadoria como qualquer outro artigo de comércio e estão, por isto mesmo, igualmente expostos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado. O trabalho dos proletários perdeu com a expansão da maquinaria e da divisão do trabalho, todo caráter autônomo e, portanto, todos os atrativos. O proletário torna-se um mero assessorio da máquina, e dele se exige apenas o manejo mais simples, mais monótono e mais fácil de aprender (1998, p. 12 - 13).

As transformações econômicas, políticas, sociais, científicas entre outras que se processavam no mundo, desencadeava um novo modo de pensar, de produzir e de relacionamento entre as pessoas. Ao analisar essa forma de produção na sociedade capitalista, Marx a fundamenta nas relações econômicas, no entanto, não se restringe a elas, toma os fatos e as estruturas de dominação como acontecimentos sociais em que sobressaem o econômico e o político. Seus trabalhos são a interpretação de como o modo capitalista mercantiliza essas relações e desenvolve contradições, isto é, à medida que ela mercantiliza essas relações, ela é manipulatória, visto que é envolvente e mais participativa em sua aparência. Na lógica da produção capitalista o indivíduo pensa e age para o capital, para a produção, sobre uma aparência de que é ele quem pensa e executa o processo. Enquanto na essência, a decisão do que e de como fazer não pertence ao trabalhador. Esse processo mercantiliza a força de trabalho, a energia humana, os meios de produção, as relações sociais, e produz valor para si. Essa reflexão continua quando Marx estuda o trabalho nas sociedades estratificadas, comparando-as com as primitivas:

A burguesia, pela exploração do mercado mundial, conferiu uma forma cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países. As velhas indústrias nacionais foram aniquiladas e continua a sê-lo dia-a-dia. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se tornam uma questão de vida ou de morte para todas as nações civilizadas – indústrias que já não utilizam matérias-primas nacionais, mas sim oriundas das mais afastadas, e cujos produtos se consomem simultaneamente tanto no próprio país como em todos os

continentes. Em lugar das velhas necessidades, atendidas pelos produtos do próprio país, surgem necessidades novas, que exigem, para a sua satisfação, produtos dos países mais longínquos e de climas mais os mais diversos. Em lugar da velha auto-suficiência e do velho isolamento local e nacional, surgem um intercâmbio generalizado e uma generalizada dependência entre as nações. E isso refere tanto à produção material quanto à produção espiritual... Com o rápido aperfeiçoamento de todos os instrumentos de produção, com as comunicações infinitamente facilitadas, a burguesia arrasta todas as nações, mesmo as mais bárbaras, para a civilização... Compele todas as nações sob pena de ruína total, a adotarem o modo de produção burguês; compele-as a se apropriarem da chamada civilização – isto é, a se tornarem burguesas. Numa palavra, a burguesia cria para si um mundo a sua imagem e semelhança (1998, p. 9 - 10).

O pensamento de Marx é uma reflexão sobre a economia política, ele faz uma elucidação sobre o modo de produção capitalista, sua influência e domínio mundial. Como confirma Ianni (1985), estava em curso o aburguesamento do mundo.

O conceito de alienação foi construído por Marx não de forma linear, mas teve como ponto de partida as discussões com Hegel e Feuerbach. Marx se coloca diante das concepções de análises a respeito da alienação deles, criticando e superando-as. Ele reconhece em Hegel o fundamento da dialética da negatividade como elemento motriz para a discussão do conceito de alienação, porém quando Hegel compreende a alienação como “O Homem objetivo como resultado de seu próprio trabalho”, Marx concorda, mas afirma que é preciso se libertar dessa forma mística de compreensão, o trabalho só se realiza com a participação e colaboração dos outros homens na história.

Sabe muito bem que meu método de desenvolvimento não é hegeliano, uma vez que sou materialista e Hegel é idealista. A dialética de Hegel é a forma básica de toda dialética, mas somente depois que ela foi extirpada de sua forma mística, e isto é precisamente o que distingue o meu método” (1978, p. 214, grifos do autor).

Esse é o ponto de partida para Marx, somente pelo desvendamento das construções históricas, eliminando-a da alienação, seria possível apanhar a essência da realidade. A alienação não pode ser entendida como uma dimensão da natureza humana, pois dessa forma, seria impossível a compreensão dos aspectos que constituem esse processo. As análises de Marx esclarecem que a alienação está relacionada às condições concretas em que as objetivações humanas se processam e isso não é possível ser identificada pela aparência. Porque, segundo ele, produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, se transformou em coisa física, é a objetivação do trabalho. A realização desse trabalho constitui simultaneamente a sua objetivação.

Segundo Resende:

alienação é apenas uma das formas historicamente determinadas de objetivação e sua persistência está referida não a uma determinação da natureza do homem, mas a persistência e desenvolvimento do modo capitalista de produção... a superação da alienação está relacionada com a superação histórica dessa forma social. Só assim a teoria histórica se completa (1992, p. 103).

Para Marx, o processo de alienação do trabalho origina de seu processo de objetivação, tendo como ponto de referência a universalidade do trabalho. Ultrapassar a alienação só será possível após uma transformação radical dessa sociedade, assim como para compreender o trabalho é preciso entender as determinações das formas de alienação. Esse entendimento segundo Resende (1992), permite compreender a alienação enquanto uma dimensão condicionada pela história da qual ela faz parte e completar o ciclo da história na perspectiva da superação. Para Marx, o processo de alienação do homem na sociedade capitalista, concebe o homem como ser genérico que se dissolve na economia capitalista. Como o capitalismo é uma particularidade histórica, nele, o reconhecimento do sujeito é negado. Assim, o trabalho que o homem põe no objeto lhe é estranho. Nas palavras de Marx: “No estranhamento do objeto do trabalho só se resume o estranhamento, a alienação na atividade mesma do trabalho” (1993, p. 159).

Marx aponta a dimensão ilusória dessa produção, quando o sujeito vai ao mercado, aparentemente troca coisa por coisa, mas, na essência, ele está trocando trabalho por trabalho. Ao realizar essa atividade, ocorre um estranhamento do trabalhador com objeto construído por ele. A vida que constitui o objeto parece apresentar-se ao trabalhador como se fosse própria do objeto e não trabalho objetivado, isto é, “o trabalho no qual o homem se objetivou não mais lhe pertence” (1993, p.159). Essa inversão se dá devido à organização do trabalho e revela a forma de produção da realidade. Segundo Marx a essencialidade da mercadoria deve ser expressão da vida do sujeito. Na sociedade capitalista, embora o sujeito se ponha no objeto que produz, ele não é capaz de se reconhecer nesse objeto que devido a divisão do trabalho em ao executar apenas uma das partes, faz com que perca a referência do objeto como um todo. Ao invés do ser humano se reconhecer naquilo que é resultado de seu esforço, ele o perde de si e se aliena, completando o que Marx afirmou, Rezende, sintetiza alienação:

a alienação descreve uma situação em que, em decorrência da propriedade privada, da troca e da divisão do trabalho, o indivíduo social é separado de seu

produto, não sendo capaz de apropriar-se das objetivações que ele próprio, enquanto trabalhador coletivo criou (1992, p. 144).

O produtor do objeto não pode ser criador de sua produção, não pode chegar a ser o que seus objetos são e nem possuir esse objeto produzido. Ele se nega intelectual e moralmente como diz Marx: “Produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens” (1993, p. 159).

Outro aspecto do processo de alienação é o aleamento do trabalhador que se nega em sua própria produção. O trabalhador “se relaciona com o produto de seu trabalho como um objeto estranho: quanto mais o trabalhador se esgota a si mesmo, tanto mais poderoso se torna o mundo dos objetos que ele cria perante si, tanto mais pobre ele fica na sua vida interior, tanto menos pertence a si próprio” (1993, p. 160). O aleamento produzido pelo processo de alienação remete a outro aspecto que é a produção de objetos externos, que Marx assim o define: “a alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalhador se transforme em objeto, assume uma existência externa” (1993, p. 160).

Esse aspecto de exteriorização do homem se manifesta em sua própria natureza e em sua essência genérica. O próprio Marx indaga como se constitui essa consistência de alienação do trabalho, e ele mesmo responde:

Em primeiro lugar, o trabalho é exterior ao trabalhador, quer dizer, não pertence à sua natureza; portanto, ele se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas é imposto, é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades. O seu caráter estranho ressalta claramente do fato de se fugir do trabalho como da peste...O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de mortificação (1993, p. 162).

Marx aponta que o trabalho em sua forma alienada modifica a relação normal do homem com aquilo que constitui a essência da humanidade⁵, dessa forma o homem perde a compreensão de sua existência e ao invés de humanizar-se ao trabalhar, se isola, embrutece e desumaniza cada vez mais da relação com os outros homens:

⁵ Entende por essência da humanidade aquilo que configura a essência para o ser humano produzir e viver, isto é trabalho produtivo, consciente e livre.

A alienação se mostra parcialmente ao produzir de um lado, o refinamento das necessidades e de seus meios, enquanto que de outro produz selvagerismo bestial, simplicidade plena, brutal e abstratas das necessidades; ou melhor, simplesmente se faz renascer num sentido oposto. Inclusive a necessidade de ar livre deixa de ser, no trabalhador, uma necessidade... A luz, o ar etc., a mais simples limpeza animal deixa de ser uma necessidade para o homem. Não apenas o homem não tem nenhuma necessidade humana, mas inclusive as necessidades animais desaparecem (1993, p. 159).

A alienação além de se revelar no produto do trabalho, revela-se em todo processo de produção, na atividade produtiva de seu próprio ser e dos outros homens, pois as próprias coisas ao se constituírem com negam a própria natureza humana. Dessa forma, é impossível ao trabalhador estar numa relação alienada no ato de produção e com o produto de sua atividade e não se alienar, visto que todas as relações são alienadoras.

Outro elemento de alienação do homem é o dinheiro, que segundo Marx, tem o poder de perversão e inversão de todas as qualidades humanas e naturais. Marx ilustra de forma poética a força alienadora de quem possui ou não esse “poder mediador”:

O que pra mim existe através do dinheiro, aquilo que eu posso pagar, isto é, o que o dinheiro pode comprar, sou eu, o próprio possuidor do dinheiro. O poder do dinheiro é o próprio poder. As propriedades do dinheiro são as minhas – do possuído – próprias propriedades e faculdades. Aquilo que eu sou e posso não é, pois, de modo algum determinado pela minha própria individualidade. Sou feio, mas posso comprar para mim a mais bela mulher. Por conseguinte, não sou feio, porque o efeito da fealdade, o seu poder de repulsa, é anulado pelo dinheiro. Enquanto indivíduo, sou coxo, mas o dinheiro fornece-me 24 pernas; portanto, não sou coxo; sou um homem detestável, indigno, sem escrúpulos e estúpido, mas o dinheiro é o objeto de honra, por conseguinte, também o seu possuidor. O dinheiro é o bem supremo, e deste modo também o seu possuído é bom. Além disso, o dinheiro poupa-me o esforço de ser desonesto; por consequência, sou tido na conta de honesto; sou estúpido, mas o dinheiro constitui o espírito real de todas as coisas: como poderá o seu possuidor ser estúpido? Ademais, ele pode comprar para si as pessoas talentosas: quem tem poder sobre as pessoas inteligentes não será mais talentoso do que elas? Eu, que por meio do dinheiro posso tudo o que o coração humano ambiciona, não possuirei todas as capacidades humanas? Não transformará assim o dinheiro todas as minhas incapacidades no seu contrário?

Se o dinheiro é um vínculo que me liga à vida humana, que liga a sociedade a mim que me une à natureza e ao homem, não será ele o laço de todos os laços? Não poderá ele soltar e unir todos os vínculos? Não será ele, portanto, o meio universal de separação? Constitui o verdadeiro meio de separação e união, a força galvano-química da sociedade...O poder de perversão e de inversão de todas as qualidades humanas e naturais, a capacidade de entre coisas incompatíveis estabelecer a fraternidade, a força divina do dinheiro, reside no seu caráter como ser genérico alienado e alto-alienante do homem. Ele é o poder alienado da humanidade (1993, p. 232- 233).

A troca de dinheiro parece mágica, faz com que pareça que as relações entre seres humanos sejam independentes e que com as coisas se tornem dependentes e subordinadas a elas, parece confiar mais no dinheiro do que em seus pares.

A alienação capitalista abate as características da concepção humana que são a solidariedade, amor, troca, interesse coletivo do trabalhador e encoraja outras como usura, o individualismo, a competição, o egoísmo, interesse comum entre outras. Esse processo afeta não só os trabalhadores como também os capitalistas. Dessa forma, aquilo que era para satisfazer as necessidades humanas – o trabalho – torna algo forçado e imposto, e se converte em dificuldades. Segundo Marx, “o trabalhador só se sente livremente ativo nas suas funções animais – comer, beber e procriar, quando muito, na habitação, no adorno, etc. – enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano animal” (1993, p. 162).

Uma realidade apreendida a partir da reflexão sempre será transitória em razão da necessidade de se fazer enquanto produção humana que por ser constantemente aperfeiçoada sempre nos escapa, inclusive devido ao nosso limite enquanto seres humanos, históricos. O que no passado apresentou-se como essência, hoje, por ter decorrido um distanciamento no tempo pode ser percebida como aparência e o que atualmente se apresenta como aparência pode se tornar essência e vice-versa. O desafio não é criticar a aparência como ilusão do sujeito como afirma Resende, porém, “a crítica deve ser dirigida à própria sociedade, ela é em si, ilusória. Esse é o desafio da ciência” (1992, p. 144). É preciso compreender as relações que são invisíveis na essência e visíveis na aparência. Esse é o nosso desafio constante.

REFERÊNCIAS

IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo: ensaio sobre o pensamento de Marx*. Petrópolis: Vozes, 1985.

KARL, Marx. *O 18 Brumário e as Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

_____. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores), 1978.

_____. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1983. (Os economistas, vol.I)

_____. *Manuscritos econômico-filosófico*. Textos filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. Engels, Frederich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.

Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

RESENDE, Anita Cristina A. *Fetichismo e subjetividade*. Tese de doutorado. PUC, São Paulo: 1992.